

ABORDAGEM DO ENFERMEIRO NA ORIENTAÇÃO SOBRE ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO

Adrieli de Souza Tassinari¹, Amábile Casagrande Santana¹, Jéssica Paiva dos Santos¹;
Jordano Miguel dos Santos Machado²

¹Acadêmicas de Enfermagem - Faculdade Multivix Nova Venécia.

²Especialista em Saúde Coletiva, Docente Faculdade Multivix Nova Venécia

RESUMO

Buscou-se neste trabalho abordar sobre o papel do enfermeiro na orientação das gestantes sobre o aleitamento materno, o qual é recomendado nos primeiros seis meses de vida do bebê, porém mesmo assim, ele ainda é pouco praticado em todo o mundo, incluindo o Brasil, por isso a importância em aprofundar-se nesta temática. Diante deste tema, determinou-se como objetivo tratar sobre o que a enfermagem realiza na assistência à saúde da criança em geral, e dar destaque para a importância da amamentação, visto que quando esta ocorre de forma natural, é capaz de proporcionar inúmeros benefícios para o bebê, como por exemplo, desenvolvimento da musculatura e ósseo bucal, propiciando o desenvolvimento facial. Para isso selecionou-se o método de pesquisa aplicada, bibliográfica e de campo, com aplicação de questionários semiestruturados. Ao final do trabalho, conclui-se que é de extrema importância que os enfermeiros incentivem e orientem desde o pré-natal até o puerpério sobre os benefícios do aleitamento, disponibilizando informações e escuta qualificada para que a prática do aleitamento venha ocorrer de modo favorável ambos os envolvidos.

Palavras-chave: aleitamento materno exclusivo; assistência; enfermagem.

ABSTRACT

This work sought to address the role of nurses in guiding pregnant women about breastfeeding, which is recommended in the first six months of the baby's life, but even so, it is still little practiced throughout the world, including Brazil. , hence the importance of delving deeper into this topic. Given this theme, the objective was to address what nursing does in child health care in general, and to highlight the importance of breastfeeding, since when it occurs naturally, it is capable of providing countless benefits for the baby, such as the development of oral muscles and bones, promoting facial development. For this purpose, the applied, bibliographic and field research method was selected, with the application of semi-structured questionnaires. At the end of the work, it is concluded that it is extremely important that nurses encourage and guide from prenatal to postpartum periods about the benefits of breastfeeding, providing information and qualified listening so that the practice of breastfeeding occurs in a favorable way for both involved.

Keywords: exclusive breastfeeding; assistance; nursing.

1 INTRODUÇÃO

A enfermagem está presente desde o nascimento até o crescimento da criança em todas as etapas como, por exemplo, na promoção do nascimento saudável, no acompanhamento do recém-nascido com risco, no acompanhamento do crescimento e do desenvolvimento do bebê, seguimento da imunização, na promoção do aleitamento materno e na alimentação saudável, na atenção aos distúrbios nutricionais e na abordagem das doenças respiratórias e infecciosas, buscando dessa forma promover um cuidado integral, vigilância e promoção da saúde (MELLO; TONETE; SILVA, 2009).

Neste sentido, destaca-se que o Aleitamento Materno Exclusivo – AME, é recomendado nos primeiros 6 meses de vida do bebê, porém mesmo assim, ele ainda é pouco praticado em todo o mundo, incluindo o Brasil, por isso a importância em aprofundar-se nesta temática. O aleitamento materno exclusivo traz várias vantagens, como por exemplo, evita mortes infantis, devido aos componentes que protegem a criança contra várias infecções; além de evitar diarreias, também evita infecções respiratórias, diminui o risco de alergias, hipertensão, colesterol alto, diabetes, obesidade, causa melhor nutrição e traz efeito positivo na inteligência (BRASIL, 2015).

Deste modo, almeja-se tratar sobre o que a enfermagem realiza na assistência à saúde da criança em geral, porém dando destaque para a importância da amamentação, visto que quando esta ocorre de forma natural, é capaz de proporcionar inúmeros benefícios para o bebê, como por exemplo, desenvolvimento da musculatura e ósseo bucal, propiciando o desenvolvimento facial (ANTUNES et al., 2008).

Sendo assim, almeja-se abordar o tema da amamentação, porém dando destaque para o papel do enfermeiro neste processo, assim como também a questão da saúde do bebê, da mãe e possíveis complicações da lactação. Logo, compreende-se que há alguns problemas relacionados às dificuldades da amamentação que merecem ser discutidos, buscando uma compreensão mais aprofundada sobre o auxílio do enfermeiro no melhoramento destes (MELLO;

TONETE; SILVA, 2009).

Para Batista et al. (2013) geralmente os profissionais de saúde possuem “atitudes e discursos favoráveis ao ato de amamentar, mas nem sempre estão próximos, vivenciando os momentos de insucesso da mulher no processo de lactação do bebê”. Por isso, compreende-se que entender este processo possibilita ao enfermeiro compreender sobre a necessidade dele dar apoio, orientações e incentivos, principalmente nos momentos iniciais deste processo.

Diante disso, este profissional necessita ter como estratégia a promoção da saúde, reconhecendo que por meio da educação poderá informar as mães sobre a necessidade da alimentação natural para o bebê, além de promover saúde para ambos os envolvidos neste processo e realizar a conscientização sobre a necessidade da amamentação (LEITE, 2012).

É importante ressaltar que a amamentação é tida como prevenção de mortes em crianças menores de 12 meses, a qual é caracterizada por Cruz et al (2010), como uma prática, que se fosse desenvolvida corretamente de forma universal, poderia evitar a morte de mais de 2 milhões de crianças por ano, no mundo. Por isso a importância e a necessidade da intervenção dos profissionais de enfermagem, no apoio e orientações as mães durante a gravidez, nas consultas de pré-natal e após o parto (CRUZ et al., 2010).

Neste sentido, é importante afirmar que a amamentação possui maiores chances de proporcionar os benefícios para a saúde do bebê e ser mais duradoura e exclusiva durante os seis primeiros meses, quando há o acompanhamento adequado do enfermeiro e sua equipe, isso é desde a gestação até o puerpério.

Deste modo, o trabalho de orientação, educação e apoio a mãe do bebê, desde sua gestação, parto e pós-parto, torna-se possível à conscientização e fortalecer sobre a importância do aleitamento materno exclusivo durante os seis primeiros meses, dessa forma o objetivo desse estudo foi descrever a importância do enfermeiro durante a adaptação e processo do aleitamento materno.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 OS BENEFÍCIOS DA AMAMENTAÇÃO PARA A SAÚDE DA CRIANÇA E DA MÃE

Através do levantamento teórico desenvolvido, observa-se que são inúmeros os benefícios para a saúde de ambos, mãe e bebê, ao desenvolverem a amamentação, além disso, conforme destaca Azevedo et al. (2016), o leite humano contém itens como a água em quantidade suficiente, pois, há também proteína e gordura mais adequadas para a idade da criança, assim como as vitaminas apresentam-se em quantidades suficientes, dispensando o uso de suplementos vitamínicos, ocasionando uma proteção contra alergias e infecções, especialmente as diarreias, sendo essas características favoráveis para o crescimento e desenvolvimento da criança (AZEVEDO et al., 2016).

Compreende-se a partir dessas informações que ao desenvolver o aleitamento desenvolve-se também o vínculo, o afeto, a proteção e a nutrição para a criança, “gerando um grandioso impacto na promoção da saúde integral da dupla mãe/bebê e, conseqüentemente, na redução da morbimortalidade infantil e materna” (LIMA et al., 2019).

Além desses benefícios, Macedo et al. (2015), também relata em sua pesquisa sobre a “sensação de proteção, o contato com a pele”, os quais exercem “um impacto positivo no desenvolvimento emocional da criança, tornando-a mais calma e tranquila”. Tais itens, de acordo com o pesquisador, são essenciais para o desenvolvimento mental e psíquico do lactente (MACEDO et al., 2015).

Já os benefícios para as mulheres, são apresentados por Campos, et al (2020), os quais destacam sobre a questão da “diminuição da dor causada pelo ingurgitamento mamário, sentimento de alívio, segurança e diminuição da ansiedade desenvolvida ao longo da gestação”. Além disso, esses autores, também relatam sobre a questão do contato pele a pele, isto é o contato na hora

da amamentação, o qual, segundo os autores mencionados pode resultar em:

[...] melhores índices de aleitamento materno nos primeiros quatro meses após o parto, maior duração do aleitamento materno, melhor comportamento de afeto e apego da mãe, vínculo, sentimentos de felicidade, amor, tranquilidade e conforto para a mulher e o recém-nascido. Essa mistura de sentimentos faz com que a mulher desvie sua atenção do desconforto e da dor do parto para o prazer de estar com o seu recém-nascido (CAMPOS et al., 2020, p.18).

Neste sentido, compreende-se que a amamentação contribui com o processo de relacionamento entre a mãe e filho após o parto, auxiliando ambas a enfrentarem essa nova etapa do nascimento, além desses benefícios mencionados anteriormente, observa-se também que dentre os benefícios para as mulheres, está a liberação de ocitocina, a qual atua na proteção dos transtornos do estado de ânimo materno (CAMPOS et al., 2020).

Quanto aos benefícios a longo prazo, percebe-se que o aleitamento materno exclusivo, também promove melhor desenvolvimento motor dos recém-nascidos, assim como a diminuição do risco de doenças, tais como: “diabetes, obesidade, gastroenterite, entre outras”, já nas mulheres lactantes, diminui-se as possibilidades de “amenorreia lactacional, diminui o risco de desenvolver diabetes tipo 2, cânceres de ovário e de mama, além de perder peso mais rápido” (TAVEIRO et al., 2020).

Destaca-se também como benefício para as mulheres, conforme apresentam Chowdhury et al., (2016) a questão da recuperação mais rápida do peso que possuíam antes da gravidez, além de diminuir também os riscos de hemorragias no puerpério imediato e conseqüentemente anemia por perda sanguínea, e proteção contra o câncer de mama.

O aleitamento materno é capaz de gerar benefícios em curto e longo prazo para o bebê e a mãe, sendo que em curto prazo, ou seja, imediatamente após o nascimento, previne-se a morbidade e a mortalidade neonatal, já em longo prazo, associado ao maior tempo de duração e exclusivo, gera benefícios para o desenvolvimento e crescimento da criança (CAMPOS et al., 2020).

[...] diarreia e outras doenças intestinais, infecções respiratórias, infecções bacterianas, infecções do trato urinário, alergias, infecções hospitalares, melhor padrão cardiorrespiratório durante a alimentação, melhor resposta às imunizações e proteção contra as Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNTs) (TAVEIRO, 2020, p.38).

2.2 OS PRINCIPAIS PROBLEMAS DURANTE O PERÍODO DE AMAMENTAÇÃO

De acordo com a Organização Mundial de Saúde são inúmeras as dificuldades no início da amamentação do bebê, as quais geralmente ocasionam a desistência de várias mães em persistirem com a amamentação do bebê. Destacam-se que no Brasil, o tempo médio de amamentação exclusiva é de 54 dias, sendo que para a Organização Mundial de Saúde (OMS) é de seis meses (COCA; MARCACINE, 2018).

Dentre as principais dificuldades no período da amamentação, merece destaque a dor – geralmente ocasionada pelos bicos rachados (fissuras), seios muito cheios (ingurgitamento mamário), podendo evoluir para uma mastite. Além disso, há também a questão do pouco leite, isso é, produção insuficiente de leite ocasionada pela hipoplasia mamária, sendo essa uma condição anatômica, “[...] vinda de uma malformação congênita em que a mama não conseguiu se desenvolver adequadamente ou a cirurgia de mamoplastia redutora que impacta diretamente na capacidade de produção de leite” (BRASIL, 2019).

Compreende-se que são inúmeras as dificuldades que a lactante poderá enfrentar ao iniciar o processo de amamentação do bebê, por isso necessidade do acompanhamento inicial do enfermeiro, o qual deverá analisar possíveis problemas apresentados pelas lactantes ao amamentar, auxiliando-as a resolvê-los. Também merece destaque o “bico invertido” – o bico do seio voltado para dentro, nessa situação ocorre uma maior dificuldade para a pega do bebê, o qual não consegue sugar e puxa o seio com voracidade, sendo necessária a intervenção do profissional de enfermagem para auxiliar a gestante na orientação sobre essa situação.

Sendo assim, vale destacar sobre o outro problema durante a amamentação, isso é, a falta de informação e preparo. Nesse sentido, o profissional de enfermagem torna-se imprescindível, visto que durante a gestação, desde o início do pré-natal, o enfermeiro deverá sempre que possível orientar a gestante sobre a amamentação, buscando dessa forma, prepará-la para o ato e providenciar os possíveis cuidados (BRASIL, 2019).

Compreende-se que há também as questões sociais que acabam interferindo na amamentação, como, a falta de apoio e as críticas principalmente dos familiares e amigos da gestante, os quais acabam confundindo e atrapalhando, pois são inúmeros os palpites sobre como amamentar ou o motivo pelo qual não há leite. Por isso a importância da atuação do enfermeiro na orientação a gestante sobre a amamentação, o qual poderá esclarecer as dúvidas e instruir sobre como proceder, como lidar com todas as questões do início desse período, amenizando dessa forma possíveis problemas entre a mãe e o bebê devido as influências externas e o senso comum (BRASIL, 2019).

Giugliani (2004), afirma que a maioria dos problemas comuns relacionados à lactação pode ser prevenida com esvaziamento adequado das mamas. Sendo necessário que os problemas ao serem identificados pelo enfermeiro, sejam manejados adequadamente, evitando dessa forma o desmame precoce recorrente das situações dolorosas e debilitantes enfrentadas pela gestante.

Neste sentido, além dos problemas destacados anteriormente, de acordo com Coca e Marcacine (2018), observam-se o bloqueio de ducto lactífero, infecções mamárias e baixa produção de leite. Dentre os principais problemas no período de amamentação e a solução para esses estão:

- Infecção mamilar por *Staphylococcus aureus*: recomenda-se o uso tópico ou tratamento sistêmico com antibióticos;
- Candidíase: pode ser superficial ou atingir os ductos lactíferos, e costuma ocorrer na presença de mamilos úmidos, por isso devem-se manter os mamilos secos e arejados e expô-los à luz por alguns minutos ao dia;
- Fenômeno de Raynaud: isquemia intermitente causada por vaso

espasmo que corre nos dedos das mãos e dos pés, mas também nos mamilos, devido à exposição ao frio, compressão anormal do mamilo na boca da criança ou trauma mamilar importante;

- Bloqueio de ductos lactíferos: ocorre quando o leite produzido numa determinada área da mama por alguma razão não é drenado adequadamente, por isso, qualquer medida que favoreça o esvaziamento completo da mama irá atuar na prevenção do bloqueio de ductos lactíferos;

- Mastite: processo inflamatório de um ou mais segmentos da mama que pode ou não progredir para uma infecção bacteriana. Ela ocorre mais comumente na segunda e terceira semanas após o parto e raramente após a 12ª semana. Por isso, deve-se esvaziar adequadamente a mama por meio da manutenção da amamentação e retirada manual do leite após as mamadas, se necessário;

- Abscesso mamário: causado por mastite não tratada ou com tratamento tardio ou ineficaz. Neste caso, o não esvaziamento adequado da mama afetada pela mastite, que costuma ocorrer quando a amamentação naquela mama é interrompida, favorece o aparecimento de abscesso;

- Galactocele: formação cística nos ductos mamários contendo fluido leitoso. O líquido, que no início é fluido, adquire posteriormente um aspecto viscoso, que pode ser exteriorizado através do mamilo;

- Baixa produção de leite: devido ao baixo ganho ponderal na ausência de doenças, deve-se averiguar, em primeiro lugar, se, durante a amamentação, a criança está sendo posicionada corretamente e se a mesma apresenta uma boa pega. Para aumentar a produção de leite, deve-se melhorar a pega do bebê, aumentar a frequência das mamadas; oferecer as duas mamas em cada mamada; dar tempo para o bebê esvaziar bem as mamas; trocar de seio várias vezes numa mamada se a criança estiver sonolenta ou se não sugar vigorosamente; evitar o uso de mamadeiras, chupetas e protetores (intermediários) de mamilos; ter uma dieta balanceada; ingerir líquidos em quantidade suficiente; repousar.

Diante dessas informações, entende-se que a gestante necessita compreender e ter acesso às essas informações, as quais poderão auxiliá-las a perseverar no processo da amamentação, caso o bebê não esteja com a pega adequada, por exemplo, ou em casos de dor, ingurgitamento, rachaduras e entre outros problemas que poderão surgir ao iniciar a amamentação, por isso a necessidade da orientação e acompanhamento inicial na gestação e no período puerperal por parte do enfermeiro e sua equipe de enfermagem no atendimento a gestante e puérpera.

2.3 CONTRIBUIÇÕES DA ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO PARA AMANUTENÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO

A importância do aleitamento materno para o desenvolvimento do bebê, é uma temática discutida internacionalmente, o qual é enfatizado nos documentos da Organização Mundial de Saúde (OMS), sendo recomendado o aleitamento materno exclusivo nos seis primeiros meses de vida da criança.

Diante dessa relevância, compreende-se que a atuação do enfermeiro durante o pré-natal, orientando a gestante sobre esta temática, assim como o acompanhamento da mãe e do bebê após o parto e nos primeiros meses de vida, torna-se essencial para a continuidade da amamentação (SOUZA, 2014).

Neste sentido, em conformidade com a UNICEF (2004, p.35), observa-se que:

A duração do aleitamento materno pode ser favorecida ou restringida por fatores biológicos, culturais, relativos à assistência à saúde e socioeconômicos. Os profissionais de saúde por meio de suas atitudes e práticas podem influenciar positiva ou negativamente o início da amamentação e sua duração. Em particular, a equipe de saúde pode incentivar a amamentação e apoiar as mães, ajudando-as a iniciá-la precocemente e a adquirir autoconfiança em sua capacidade de amamentar. [...] Todos devem ter acesso às informações sobre os benefícios do aleitamento materno.

Santos e Pizzi (2006), destacam que será papel do enfermeiro formular metas e objetivos para desenvolver e promover um plano de cuidados específicos, o qual deverá estar relacionado a cada problema encontrado e conterá as

orientações necessárias para que não ocorram interferências na amamentação ou que estas sejam minimizadas.

Uma ação simples e que acontece antes mesmo do nascimento do bebê é a assistência à gestante em relação ao preparo da mama. É importante, pois evita problemas como mamilos doloridos e fissurados que surgem quase sempre acompanhados de dor (SANTOS; PIZZI, 2006).

Compreende-se a partir disso, que são pequenas atitudes e ações do profissional de enfermagem, que auxiliarão as gestantes a permanecerem com a amamentação. Assim, torna-se evidente a importância da atuação do enfermeiro no processo do parto e no puerpério da gestante.

De acordo com Vieira et al. (2015, p.15), observam-se que:

Para que o enfermeiro coordene as suas tarefas, desde a administração até as atividades assistenciais, é necessário que ele sistematize a sua assistência para facilitar a solução de problemas, agilizar e dinamizar suas ações. Nessa perspectiva o enfermeiro conseguirá organização e sequência em suas atividades, evitando lacunas na assistência. Mesmo que os profissionais de saúde busquem desempenhar ações específicas dentro de sua formação acadêmica durante a assistência de promoção, incentivo e apoio ao aleitamento materno, políticas institucionais devem garantir o exercício profissional de todos e apoiar a diversificação de suas atuações em benefício da mulher e da criança.

Sendo assim, torna-se nítido que a atuação do enfermeiro na assistência ao aleitamento materno durante o pré-natal, na hospitalização e após a alta da puerperia é uma forma de desenvolver o seu papel e de contribuir com a permanência da amamentação (SANTOS; PIZZI, 2006).

Para Moraes et al. (2006) o aconselhamento sobre aleitamento materno é uma das ações mais importantes desenvolvidas pelo enfermeiro, pois, durante o pré-natal e no pós-parto há a oportunidade de realizar não somente atividades educativas, mas também assistenciais, “especialmente nas patologias comuns durante o início da amamentação, responsáveis, algumas vezes, até mesmo pelo desmame precoce” (MORAES et al., 2006)

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente trabalho apresenta uma pesquisa ora desenvolvida classifica-se como aplicada, cuja natureza é definida por Gil (2007) como aquela que possui finalidade de gerar conhecimentos que possibilitem a aplicação prática, direcionados à solução de problemas específicos, envolvendo verdades e interesses locais.

Sendo assim, em conformidade com Silva (2001), a pesquisa bibliográfica tem como objetivo descrever os fatores que caracterizam e são de importância para o assunto da pesquisa. Faz-se o uso de análise documental, para observar os dados relacionados à temática e o desenvolvimento do referencial teórico.

Também foi eleito como procedimento a pesquisa de campo, onde obteve-se as fontes primárias, que como explica Fonseca (2002), é caracterizada por investigações que, além de apresentarem a pesquisa bibliográfica ou documental, apresenta também uma coleta de dados a fim de ouvir pessoas, atribuindo-se de recursos de distintos de pesquisa para coleta de dados.

Logo trata-se um estudo descritivo sobre a importância do enfermeiro no estímulo e cuidados durante o aleitamento materno exclusivo, por meio de pesquisa com mulheres que passaram pela experiência de amamentação. A coleta de dados ocorreu com mulheres dos municípios Ecoporanga, Pinheiros e Nova Venécia, durante o período de 30 de setembro a 30 de outubro de 2022, com 10 mães, 4 primíparas e 6 multíparas, as entrevistas ocorreram por meio de questionário semiestruturado, autorizando a pesquisa através de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisa-se neste tópico, os resultados obtidos com a pesquisa de campo, por meio da apresentação de tabelas, almejando dessa forma explorar os resultados obtidos.

Tabela 1: Quantidade de mães que amamentaram

Mães entrevistadas	Primíparas	Múltiparas	Não amamentaram
10	0	6	4

Fonte: Produzido pelas autoras

Observam-se na Tabela 1 que foram entrevistadas 10 mães, sendo 6 mães múltiparas (que já passaram por gestações anteriores), e 4 primíparas (mães pela primeira vez). Dentre essas mães, verificou-se na tabela que nenhuma mãe primípara amamentou e 4 das 6 múltiparas amamentaram.

Tabela 2: Tempo de amamentação exclusiva

Mães entrevistadas	Primíparas	Múltiparas
10	(4) menos de 6 meses () até 6 meses () mais de 6 meses	(2) menos de 6 meses (2) até 6 meses (2) mais de 6 meses

Fonte: Produzido pelas autoras

Na Tabela 2, observa-se que das 10 mães entrevistadas, apenas as 6 múltiparas amamentaram exclusivamente, sendo divididas em 2 mães amamentaram por menos de 6 meses; 2 amamentaram até os 6 meses e 2 por mais de 6 meses. As mães primíparas afirmaram que não amamentaram exclusivamente, e que a duração foi de menos de 6 meses.

Tabela 3: Principais dificuldades para amamentar

Mães entrevistadas	Primíparas	Múltiparas	Aleitamento Materno sem dificuldades
10	30%	50%	20%

Fonte: Produzido pelas autoras

Na Tabela 3, verificou-se que das 10 mães entrevistadas, 30% das mães primíparas apresentaram dificuldades para amamentar, 50% das mães múltiparas também apresentaram dificuldades, e apenas 20% de todas as entrevistadas não apresentaram dificuldades para amamentar.

Tabela 4: Orientações do enfermeiro sobre aleitamento materno no pré-natal, visita do enfermeiro com orientações no pós-parto e visita com orientações do enfermeiro puerpério na APS - Secretaria de Atenção Primária à Saúde.

Mães entrevistadas	Orientada pelo enfermeiro no pré-natal	Orientada pelo enfermeiro no pós-parto (primeiras 24h)	Orientada pelo enfermeiro na APS
Primíparas	1	3	0
Múltiparas	2	5	0
10	3	8	0

Fonte: Produzido pelas autoras

Na Tabela 4, observa-se que das 10 mães entrevistadas, apenas 3 receberam orientação no pré-natal, sendo 2 múltiparas e 1 primípara. Com relação à orientação no puerpério e atenção primária nenhuma múltipara ou primípara entrevistada relatou que recebeu as orientações sobre o aleitamento materno.

Diante dos resultados obtidos, observou-se que a 60% das entrevistadas possuem entre 2 a 6 filhos. Neste sentido, destaca-se o posicionamento de Minagawa et al. (2005, p.1), os quais evidenciaram em suas pesquisas de campo que “a duração do AM das mulheres com um filho era menor em relação àquelas com três ou mais filhos e que os primeiros filhos eram amamentados por menos tempo em comparação aos filhos de terceira ordem em diante”. Destaca-se que o mesmo ficou explícito nessa pesquisa, como se pode conferir na Tabela 1: quantidade de mães que amamentaram, observando que 60% das mães que amamentaram eram múltiparas, sendo que as demais 40% não amamentaram.

Verificou-se também a respeito das principais dificuldades para amamentar, evidenciando que apenas 2 mães das 10 entrevistadas não tiveram dificuldades para amamentar, e as demais que possuíram dificuldades, 3 são primíparas e 5 múltiparas, as quais afirmaram que as dificuldades encontradas se relacionavam a “peito feriu, o bico do seio, inexperiência na amamentação” (entrevistada 1,

primípara); “fissuras em ambas as mamas, e dificuldade para acertar a pega” (entrevistada 2, múltipara).

Verificou-se que na pesquisa desenvolvida por Issler et al. (1989) e Gigante et al. (2000), as mães primíparas amamentaram também por menos tempo, isso, pois a primigesta não tem nenhuma experiência orgânica ou emocional anterior, uma vez que crianças de terceira ordem em diante foram amamentadas por mais tempo”.

Quando entrevistada sobre em que gestação estava se referindo em caso de múltiparas, verificou-se que 50% das entrevistadas relataram dados sobre a 1ª experiência de amamentar, 20% sobre a 2ª vez, 10% sobre a 6ª experiência e 20% generalizaram sobre a 1ª e 2ª experiência.

Quanto ao aleitamento materno exclusivo, a pesquisa mostra que todas as entrevistadas amamentaram, sendo 30% com menos de 6 meses sendo mães primíparas; 30% com menos de 6 meses sendo mães múltiparas; 20% das mães múltiparas amamentaram até os 6 meses e 20% das mães múltiparas amamentaram mais de 6 meses. Diante dessas informações, ressaltam-se o posicionamento de (BRASIL, 2015), onde compreendeu-se que o Aleitamento Materno Exclusivo – AME, é recomendado nos primeiros 6 meses de vida do bebê, porém mesmo assim, ele ainda é pouco praticado em todo o mundo, incluindo o Brasil, por isso a importância em aprofundar-se nesta temática, sendo esse dado confirmado na pesquisa de campo desenvolvida neste trabalho, onde 60% das mães (primíparas e múltiparas) amamentaram por menos de 6 seis meses.

Por isso, ressalta-se que o aleitamento materno exclusivo traz várias vantagens, como por exemplo, evita mortes infantis, devido aos componentes que protegem a criança contra várias infecções; além de evitar diarreias, também evita infecções respiratórias, diminui o risco de alergias, hipertensão, colesterol alto, diabetes, obesidade, causa melhor nutrição e traz efeito positivo na inteligência (BRASIL, 2015).

Durante a entrevista, com relação às orientações, as mães entrevistadas, acharam importante que os enfermeiros, no pré-natal, oferecessem mais

informações sobre amamentação, como por exemplo: “Preparo das mamas, importância do banho de sol nas mamas, orientação sobre posicionamento e pega correta do bebê, cuidados com alimentação e nutrição, orientação sobre limpeza das mamas e a importância da ingestão hídrica” (entrevistada 2, multípara); “A posição correta para segurar o bebê. A introdução de toda a aréola na boca, ficando mais visível a parte de cima” (Entrevistada 1, primípara); “Sobre as dificuldades que vai haver como evitar as fissuras, o que fazer em relação a isso, orientações em geral” (Entrevistada 10, primípara).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o aleitamento materno exclusivo traz inúmeros benefícios para ambos os envolvidos, sendo o leite um alimento adequado para a criança tanto do ponto de vista nutritivo e imunológico quanto no plano psicológico, permitindo o vínculo, disponibilizando nutrientes para a criança, sendo essencial para o bebê até o sexto mês de vida como alimento único e exclusivo.

Deste modo, é de extrema importância que os enfermeiros incentivem e orientem desde o pré-natal até o puerpério sobre os benefícios do aleitamento, disponibilizando informações e escuta qualificada para que a prática do aleitamento venha ocorrer de modo favorável para ambos os envolvidos.

Compreende-se que a atuação do enfermeiro é essencial para a iniciação da amamentação de forma correta, assim como para a permanência do aleitamento materno exclusivo nos seis primeiros meses de vida do bebê, logo fica evidente nos levantamentos teóricos que o papel do enfermeiro na orientação desde o pré-natal, parto, no pós-parto ou puerpério junto a gestante, auxilia na compreensão sobre a importância de tentar ao máximo promover a amamentação do bebê até os seis primeiros meses de vida com benefícios maternos e para o bebê.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Leonardo dos Santos. ATUNES, Livia Azeredo Alves. CORVINO, Marcos Paulo Fonseca. MAIA, Lucianne Cople Maia. Amamentação natural como fonte de prevenção em saúde. **Ciência e Saúde coletiva**, v.1, n.2, p.227–233, 2008.

AMORIM, M. M.; ANDRADE, E. R. Atuação do enfermeiro no PSF sobre aleitamento materno. **Revista Científica Perspectivas online**, Campos dos Goytacazes, v.3, n.9, p.93-110, 2009. Disponível em: http://ojs3.perspectivasonline.com.br/index.php/revista_antiga/article/view/349. Acesso em: 12 jun. 2022.

AZEVEDO, A. R. R., ALVES, V. H., SOUZA, R. M. P., RODRIGUES, D. P., BRANCO, M. B. L. R., CRUZ, A. F. N. O manejo clínico da amamentação: saberes dos enfermeiros. **Escola Anna Nery**, v.19, n.3, p. 439-445, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/BsFg7cnYsXZrxBHsV7cd7qD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jun. 2022.

BATISTA, K. R. A.; FARIAS, M. C. A. D. MELO, W. S. N. Influência da Assistência de enfermagem na prática da amamentação no puerpério imediato. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 96, p. 130-138, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/XtmLcbYNXGxNNCsDFkwQXcq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Promoção da Saúde. **Guia alimentar para crianças brasileiras menores de 2 anos**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção Primária à Saúde, Departamento de Promoção da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em:

http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/guia_da_crianca_2019.pdf.

Acesso em: 12 jun. 2022.

BUENO, Silvana Beatriz. Utilização de recursos informacionais na educação.

Perspect. Ciênc. Inf., Belo Horizonte, v.14, n.1, abri. 2009.

CAMPOS, P. M., GOUVEIA, H. G., STRADA, J. K. R., MORAES, B. A. Contato pele a pele e aleitamento materno de recém-nascidos em um hospital universitário.

Revista Gaúcha de Enfermagem, v.4, n.2, p.201- 204, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rgenf/a/d9ZGSyPWYzSWvDv3r8fPHfp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jun. 2022.

CHOWDHURY, R. SINHA, B. SANKAR, M. J. TANEJA, S. BHANDARI, N.

ROLLINS, N. BAHL, R. MARTINES, J. Aleitamento materno e resultados de saúde

materna: uma revisão sistemática e meta-análise. **Acta pediátrica**, v.104, n.467, p.96-113, 2016.

COCA, K.P; MARCACINE, K.L. Serviço especializado de amamentação revela

principais problemas das mulheres após alta hospitalar. **Perspectiva**, Press Releases, 2018. Disponível em:

<https://pressreleases.scielo.org/blog/2018/12/14/servico-especializado-de-amamentacao-revela-principais-problemas-das-mulheres-apos-alta-hospitalar/>.

Acesso em: 09 jun. 2022.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Câmara de Educação Superior.**

Resolução CNE/CES n. 3, de 7 de setembro de 2001. Institui diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em enfermagem. Diário Oficial da

República Federativa do Brasil. Brasília: 2001. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2022.

CRUZ, S. H. et al. Orientações sobre amamentação: a vantagem do Programa de Saúde da Família em municípios gaúchos com mais de 100.000 habitantes no âmbito do PROESF. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v.13, n.2, p.259-267, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/RrSCntXtZdcCt89vf7XgmYL/?lang=pt>. Acesso em: 09 jun. 2022.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GIGANTE, D.P.; VICTORA, C.G.; BARROS, F.C. Nutrição materna e duração da amamentação em uma coorte de nascimentos de Pelotas, RS. **Rev. Saúde Públ.**, v.34, n.3, p.259-65, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2018.

GIUGLIANI, Elsa R. J. Problemas comuns na lactação e seu manejo. **Artigos de Revisão J. Pediatria**, Rio de Janeiro, v.80, n.5, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/7rSvJXLw7KbTmD7vdwKMYXB/?lang=pt>. Acesso em: 09 jun. 2022.

ISSLER, H., LEONE, C., QUINTAL, V.S. Duração do aleitamento materno em uma área urbana de São Paulo, Brasil. **Bol. Of Sanit. Panam.**, v.106, n.6, p.513-22, 1989.

JACOBSEN, Alessandra de Linhares. **Gestão por Resultados, Produtividade e Inovação**. Florianópolis, UFSC, 2009.

KINCHESCKI, Geovana Fritzen. ALVES, Rosangela. FERNANDES, Tânia Regina Tavares. **Tipos de metodologias adotadas nas dissertações do programa de pós-graduação em administração universitária da universidade federal de Santa Catarina, no período de 2012 a 2014.** XV Colóquio Internacional de Gestão Universitária – CIGU - Desafios da Gestão Universitária no Século XXI Mar Del Plata – Argentina 2, 3 e 4 de dezembro de 2015. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/136196/102_00127.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 06 jun. 2022.

LEITE, A. et al. Comunicação não verbal: uma contribuição para o aconselhamento em amamentação. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 258-264, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/pBf4hdpLknSqxDBfMc96bgv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 06 jun. 2022.

LIMA, S. SANTOS, E. ERDMANN, A. FARIAS, P. AIRES, J. NASCIMENTO, V. Percepção de mulheres quanto à prática do aleitamento materno: uma revisão integrativa. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, v.11, n.1, p. 248-254, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-968577>. Acesso em: 06 jun. 2022.

LINS, G. F. A. C. et al. Amamentação e tipo de parto: uma avaliação envolvendo as gestantes do estudo multicêntrico sobre saúde reprodutiva no Brasil realizado em Natal-RN, 2000. **Revista Pública, Natal**, a. II, p. 29-37, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/publica/article/view/113>. Acesso em: 06 jun. 2022.

MACEDO, M. D. S. TORQUATO, I. M. B. TRIGUEIRO, J. V. S. ALBUQUERQUE, A. M. PINTO, M. B. NOGUEIRA, M. F. Aleitamento materno: identificando a prática, benefícios e os fatores de risco para o desmame precoce. **Revista de Enfermagem UFPE online**, v.9, n.1, p.414-423, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/10354>. Acesso em: 06 jun. 2022.

MELO, N. TONETO, V. SILVA, B. Comentários sobre a licença-maternidade e as inovações da lei nº 11.770/08. **Revista Eletrônica Curso de Direito Unifacs**, Salvador, v.106, p.1-10, 2009.

MINAGAWA, Ida M. V. Oliveira, Elizabeth Fujimori, Daniela Laurenti, Rosali M. J. M. Montero. **Perfil do aleitamento materno em menores de 2 anos na cidade de Itupeva, SP, Brasil**. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. ALAN, v.55, n.2, Caracas, jun.2005.

MORAES J.F. Fatores que Interferem na Assistência Humanizada ao Parto. **Saúde em Revista**, v.8, n.19, p.13-19, 2006.

OMS/UNICEF. **Aconselhamento em amamentação**: um curso de treinamento. Manual do treinador. Brasília, 2004. p 35.

SANTOS, D. PIZZI, A. A expressão da autonomia do enfermeiro no acompanhamento de crescimento e desenvolvimento da criança. **Rev. Enferm. UERJ**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 3 p. 426 a 431. 2006.

SILVA, Edina Lúcia. MENEZES, Éstera Muszkat. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. **Revista Atual**, Florianópolis: Laboratório de ensino a distância da UFSC, 3.Ed, 2001. Disponível em: <https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppgcb/files/2011/03/Metodologia-da->

Pesquisa-3a-edicao.pdf. Acesso em: 12 jun. 2022.

SOUZA, F. G. M. Modelando a integralidade do cuidado à criança na Atenção Básica de Saúde. **Rev. Gaúcha de Enfermagem**. Porto Alegre, v.31, n.4, p.701-707. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/7nHBxjSBy4VVTPcchQ7qF3K/?lang=pt>. Acesso em: 12 jun. 2022.

TAVEIRO, E. A. N. VIANNA, E. Y. S. PANDOLFI, M. M. Adesão ao Aleitamento Materno Exclusivo em Bebês de 0 a 6 Meses Nascidos em um Hospital e Maternidade do Município de São Paulo. **Revista Brasileira de Ciências e Saúde**, v.24, n.1, p.71-82, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1087534>. Acesso em: 12 jun. 2022.

VIEIRA, Mariana Marques. WHITAKER, Maria Carolina Ortiz. COSTA, Ângela Aparecida. RIBEIRO, Janaína Mery Ribeiro. A atenção da enfermagem na saúde da criança: revisão integrativa da literatura. **Revista Uniara**, v.18, nº1, julho de 2015. Disponível em: <https://revistarebram.com/index.php/revistauniara/article/view/341>. Acesso em: 12 jun. 2022.